

Os Super-humanos (1929):
anarquismo, desejo e evolucionismo
em Han Ryner

*The Superhumans (1929): Anarchism,
Desire and Evolutionism in Han Ryner*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.40914>

Gilson Leandro Queluz

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

<https://orcid.org/0000-0002-0728-1218>
queluz@utfpr.edu.br

Como citar:

QUELUZ, Gilson Leandro. Os Super-Humanos (1929): Anarquismo, Desejo e Evolucionismo em Han Ryner. *História, histórias*, Brasília, v. 10, n. 20. jul./dez. 2022.

Resumo

Este artigo pretende analisar o conceito de evolução presente no romance distópico *Os Super-humanos*, escrito pelo anarquista individualista francês Han Ryner, publicado em 1929. O romance apresenta uma teoria da evolução hibridizada, a qual mistura elementos neolamarckistas, catastrofistas e da teoria dos saltos, com concepções evolucionárias de cunho místico e profético, como aquelas propostas por Michel Savigny, além de dialogar com as concepções éticas características do anarquismo individualista. Os principais personagens da obra, ou seja, os Superelefantes, os Superanjos e os Imortais são, simultaneamente, resultado do processo evolutivo e do desejo de ascensão dos seres. Ressaltam-se, no contexto de fortalecimento do pensamento autoritário dos entreguerras, as críticas ao desejo de dominação dos Superelefantes e a lírica defesa dos princípios anarquistas individualistas de Han Ryner, como o pacifismo e o antimilitarismo, nos cânticos dos Superanjos.

Palavras-chave

Han Ryner; teorias evolucionistas; anarquismo individualista; Michel Savigny.

Abstract

The aim of this article is to analyze the concept of evolution present in the dystopian novel *The Superhumans*, published in 1929 and written by the French individualist anarchist Han Ryner. The novel presents a hybridized theory of evolution, which mixes neo-Lamarckian, catastrophic and leap theory elements with evolutionary conceptions of a mystical and prophetic nature, such as those proposed by Michel Savigny, in addition to dialoguing with the ethical conceptions, characteristic of individualist anarchism. The main characters in the narrative, that is, the Superelephants, the Superangels and the Immortals are, simultaneously, the result of the evolutionary process and the desire for ascension of beings. In the context of strengthening the interwar authoritarian thinking, the criticisms of the Superelephants' desire for domination and the lyrical defense of Han Ryner's individualist anarchist principles, such as pacifism and antimilitarism, in the Superangels' chants, are highlighted.

Keywords

Han Ryner; evolutionary theories; individualist anarchism; Michel Savigny.

Introdução

Este trabalho, pretende compreender o conceito de evolução presente no romance distópico *Os Super-humanos*, escrito pelo anarquista individualista francês Han Ryner, publicado em 1929. O romance apresenta uma teoria da evolução hibridizada, a qual mistura elementos neolamarckianos com concepções evolucionárias de cunho místico e profético, como aquelas propostas por Michel Savigny, e compiladas por seus filhos George e Edmond Savigny, no livro *Vivre...Mourir...Renaître*¹, além de dialogar com as concepções éticas libertárias características do anarquismo individualista de Han Ryner.

Han Ryner (1861-1938), foi um anarquista individualista, filósofo e professor francês. Publicou um grande número de contos, novelas, peças teatrais e ensaios filosóficos, sendo os mais conhecidos: *Manual Filosófico Individualista* (1903), *O Crime de Obediência* (1900), *A Esfinge Vermelha* (1905), *O Quinto Evangelho* (1911), *Homem Formiga* (1910), *Os Pacifistas* (1914), *O Amor Plural* (1927), *Os Super-humanos* (1929). Nas primeiras décadas do século XX, seus textos eram publicados pela imprensa anarquista e tinham grande repercussão nos meios intelectuais franceses. Ryner chegou a ser nomeado em 1912, em uma eleição promovida por Romain Rolland e pela Academia Goncourt de Paris, como o “príncipe dos narradores filosóficos”. Apesar da rebeldia em ser enquadrado em qualquer definição, Han Ryner pode ser considerado um anarquista individualista ou, nos seus próprios termos, um filósofo da vontade da harmonia.

Vittorio Frigerio definiu assim o pensamento individualista anarquista de Han Ryner,

Ryner assume e renova primeiro o cinismo, e depois o estoicismo grego humanizando-o e removendo a rigidez que os romanos lhe deram. Ele defende um distanciamento sorridente e relaxado, o desprezo de todo poder e toda violência, que são inseparáveis, e exalta o indivíduo como a única verdade que o homem deve conhecer, negando a existência e viabilidade de qualquer abstração. À “vontade de poder” nietzscheano, que deixou uma marca profunda no individualismo anarquista, Ryner opõe um

¹ SIMON-SAVIGNY, Edmond & Georges(ed). *Vivre...Mourir...Renaître: Résumé des theories hexagrammistes*. Paris: Editions Chacornac Frères, 1942.

“desejo de harmonia” marcada por um pacifismo absoluto e um agnosticismo silencioso².

Roberto das Neves, ressalta que o pensamento de Han Ryner é “essencialmente an-arquista”, seu espírito seria “profundamente anti-dogmático, ferozmente anti-autoritário, radicalmente individualista, e estes são postulados indubitáveis do an-arquismo”³. No período entreguerras, em um contexto de retração do anarquismo sindicalista e comunista, Han Ryner, conjuntamente com Emile Armand, foi um representante exemplar de um ascendente anarquismo ético, que se colocava como antídoto moral ao “mundo violento e explorador”. Este anarcoindividualismo de caráter antiburguês opôs-se ao estado centralizado e posicionou-se pela “consciência individual e pelo controle do eu, e pelo equilíbrio harmonioso do homem com a natureza”⁴. Ryner era um pacifista radical, posição afirmada originariamente nos seus romances *Esfinge Vermelha* e *Crime de Obediência*, e enfatizava a liberdade de controle do próprio corpo, inclusive a liberdade sexual, o amor plural como “a negação do estado militarizado, seja republicano ou fascista”⁵.

Na novela, os humanos que desenvolvem o poder de transmutação de seus corpos, transformando-se nos super-humanos, são essencialmente seguidores da filosofia hexagramista de Michel Savigny, que concebe que a humanidade passaria por seis grandes cataclismas, correspondentes ao domínio de uma espécie animal superior no plano terrestre. Para ele, não é a função, mas o desejo que cria o organismo. Estas hibridizações evolucionistas, oriundas de diversas fontes, aprofundam-se pela utilização das concepções libertárias, características da visão filosófica de Han Ryner, no espaço imaginário de uma distopia⁶, servindo como base para uma irônica crítica dos plurais e canhestras manifestações humanas em sua luta pelo poder e sobre as pró-

2 FRIGERIO, Vittorio. La Littérature de l'anarchisme: Anarchistes de lettres et lettrés face à l'anarchisme. Nouvelle édition [en ligne]. Grenoble: UGA Éditions, 2014, p. 251

3 NEVES, Roberto, in: RYNER, Han. Manual Filosófico do Individualista. Rio de Janeiro: Germinal, 1966, p. 21.

4 SOON, Richard D. Sex, Violence, and the Avant-garde: Anarchism in Interwar France. University Park: The Pennsylvania State University, 2010, p. 8.

5 SOON, Ibid, p. 13.

6 Usamos o termo distopia conforme a definição de Sargent: “uma sociedade não existente descrita em considerável detalhe e normalmente localizada em um tempo e espaço que o autor intenciona que um leitor contemporâneo veja como consideravelmente pior que a sociedade na qual o leitor vive”(SARGENT, 2005 n. 2, p. 153-160.). Sargent também assinala que as distopias se tornaram dominantes dentro do gênero literário utópico, em diálogo pessimista com eventos da primeira metade do século XX como, entre outros, as duas guerras mundiais, a depressão econômica, as pandemias como a gripe espanhola (SARGENT, 2010).

prias concepções nietzschianas do super-homem. É neste sentido que Brian Stableford, comenta que Han Ryner nos apresenta no romance “uma teoria da evolução altamente idiossincrática e desafiadoramente heterodoxa, da qual há poucos vestígios em outras obras de ficção especulativa”, tendo como principal característica o desenvolvimento livre de ideias, “desinibido pelas restrições do darwinismo ou qualquer forma restrita de neo-lamarckismo”⁷.

Hexagramismo e Catastrofismo: um romance evolucionista idiossincrático

O romance *Os Super-humanos* inicia com a descrição de um mundo próximo a um cataclisma, fruto de um aquecimento global⁸. Desta forma, os climas foram unificados, sendo que “o sufocamento tórrido e úmido era o mesmo nos polos e no equador”⁹. Segundo o narrador, “em todos os lugares, a natureza parecia estar começando de novo”, os animais pareciam estar revertendo para formas pré-históricas, como um novo gênesis que se dava em velocidade estonteante, onde “elefantes estavam se revertendo para mamutes; hipopótamos gigantes bloqueavam os rios; os focinhos dos rinocerontes estavam ericados com vários pares de chifres”¹⁰. Aves pré-históricas, como as *aepyornis*, as aves elefantes, reapareceram. A súbita transformação climática levou ao desaparecimento da flora, “nada mais restando de sua colorida e harmoniosa” eloquência¹¹. Neste mundo que retornava à sua infância, ocorria a proliferação de novas doenças que tornaram certas cidades quase desérticas. Contudo, a esta extravagância de morte, que se seguia o fato de que a “vida parecia intoxicante e volúvel, como uma orgia”¹².

7 STABLEFORD, Brian in: RYNER, Han. *The Superhumans*. Tarzana, CA: Black Coat Press: 2011, p. 10-11.

8 Observe-se que, apesar da visão de Savigny sobre este tema, como abordaremos neste artigo, estar marcada por uma visão peculiar sobre a teoria do catastrofismo, as últimas décadas do século XIX foram marcadas por um conjunto de teorias sobre as grandes transformações climáticas, algumas especulando que estas variações ocorreriam devido às emissões de gases por vulcões, outras indicando que seriam motivadas pelas variações solares. Em 1896, Svante Arrhenius, propôs que as mudanças climáticas poderiam ser causadas pelo aumento da produção de dióxido de carbono. Ver: WILSON, Jessica. & LAW, Stephen. Um breve guia sobre aquecimento global. Ministério das Relações Exteriores e Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2010, p. 23-34.

9 RYNER, Han. *The Superhumans*, op. cit. , p. 181.

10 RYNER, Ibid, p. 182.

11 RYNER, Ibid, p. 181.

12 RYNER, Ibid, p. 182.

Esta situação delicada apenas precedeu o aparecimento de um novo sol. O novo sol em sua aproximação constante da terra provocava calamidades e um sentimento do inexorável apocalipse. Neste momento de desespero, Ryner enfatiza, ironicamente, que enquanto os cientistas explanavam de forma tranquilizante a racionalidade dos acontecimentos, a maioria dos seres humanos acentuava, na angústia de seu desespero, seus instintos mais irracionais e violentos, sendo ressuscitados “crimes esquecidos e extintas insanidades”¹³. Os seres humanos, neste “vento quente da angústia”, tornaram-se instáveis, “violentos e fracos, irritáveis e lacrimosos, prontos para matar por uma palavra mal-entendida”¹⁴. O Grande Conselho da Europa, imitado pelo Imperador da Ásia e pelo comitê Supremo Americano, criou novos vocabulários, impondo-os ao uso comum. Instaurava-se uma nova semântica, procurando ocultar a realidade. Por exemplo, quando da impossibilidade de trabalho no calor dos dias cada vez mais abrasivos, estabeleceu-se a obrigatoriedade do trabalho noturno, decretando-se que a partir daí a noite se chamaria dia e o dia se chamaria noite. Também neste contexto, Ryner, do alto de seu anticlericalismo contumaz, afirma que as religiões, que haviam desaparecido neste futuro apocalíptico, retornaram com força, reaparecendo até mesmo “cultos abjetos como o do Dalai Lama e o do infalível Papa”¹⁵.

A lógica inerente a este cataclisma imaginário nos é apresentada no capítulo II do livro, denominado os Hexagramistas. Nele, é descrita uma reunião, realizada no Instituto dos Cientistas Independentes (localizado no Boulevard Michel Savigny), a qual é caracterizada como autogestionária, pois ninguém a presidia e os participantes tinham total liberdade e igual direito de fala e opinião. A situação crítica, porém, criava a necessidade da adoção de alguns rituais, com o objetivo de manter a unidade da comunidade. Desta forma, quem abriu a reunião foi um jovem, que fez as vezes de um semi sacerdote. Primeiramente, ele pronunciou as sílabas do Deus de Israel, Je, significando Eu Fui, Ho, eu sou, e Wah, eu serei¹⁶. Este rito inicial, síntese simbólica do “segredo da evolução dos seres”¹⁷, foi seguido da leitura das profecias de Michel Savigny.

É a crença nas profecias de Michel Savigny, que os une, unidade simbolizada no uso pelos participantes da reunião do símbolo dos “dois triângulos

13 RYNER, Ibid, p. 183.

14 RYNER, Ibid, p. 183.

15 RYNER, Ibid, p. 183.

16 Estas sílabas e seu significado, “Eu fui, Eu sou, Eu serei”, são o título do capítulo 6 da obra de síntese do pensamento de Michel Savigny escrita pelos seus filhos. Ver SIMON-SAVIGNY, Edmond & Georges (ed). Vivre...Mourir...Renaître, op. cit.

17 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 79.

equiláteros interseccionados—ou, como os iniciados o chamam, um hexagrama”¹⁸. Michel Savigny, nasceu em Soubise (Charente-Maritime), no dia 29 de setembro de 1832, e faleceu em 12 de abril de 1905. Ele havia “procurado as explicações das lendas passadas de boca em boca desde as primeiras eras da humanidade, o significado dos símbolos esculpido nos monumentos das cidades antigas do oriente, o sentido oculto das religiões”¹⁹. Ao fazê-lo, acabou por, supostamente, revelar as bases da ciência moderna, extraindo “toda uma filosofia”, toda uma moral, cujos princípios relatara oralmente aos seus filhos²⁰, Edmond e Georges Simon-Savigny, a quem responsabilizara por torná-los conhecidos. Para cumprir este desígnio, os irmãos Edmond e Georges, criaram a revista *O Hexagrama*, na qual divulgaram a síntese das conclusões de seu pai, atraindo um círculo de escritores e artistas, entre eles, Han Ryner.

Observe-se que o esforço de síntese de Michel Savigny, dialogava com um contexto geral de fascinação na França, entre a segunda metade do século XIX, e as três primeiras décadas do século XX, com a investigação do sobrenatural e, especialmente, com o espiritismo e com o ocultismo moderno²¹. Lachapelle²² comenta que apesar do ocultismo ser um movimento marginal na França do início do século, “seus ramos rivais e suas teorias conflitantes tinham se tornado parte da paisagem cultural”. Enquanto o espiritismo, liderado por Allan Kardec, procurava afirmar sua crença na “revolução na ciência e na religião” pois, “eles poderiam trazer o amanhecer de uma ciência espiritual e uma fé suportada por evidências concretas”, os ocultistas, por sua vez, ganhavam popularidade com um conjunto de “ensinamentos hete-

18 RYNER, Han., op. cit. , p. 185.

19 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 5.

20 SIMON-SAVIGNY, Ibid, p. 6.

21 Para uma discussão das aproximações e afastamentos entre anarquismo e as tendências espiritualistas e ocultistas. Ver: LAGALISSE, Erica. *Occult Features of Anarchism*. Oakland, CA.: PM Press, 2019. Para PERES (2012), a constituição de novas sociabilidades na modernidade, conduziu a novas formas de associação baseadas, “na adesão voluntária de seus membros”, estando “afastadas do controle do Estado” e que, potencialmente, representavam a ruptura com as instituições tradicionais da sociedade”. Desta forma, as aproximações do anarquismo com correntes espiritualistas e ocultistas, caracterizadas por estas novas formas de associação, como a teosofia, espiritismo e maçonaria, poderia indicar uma estratégia de alianças visando um combate ao dogmatismo clerical e às instituições hegemônicas. Para exemplificar, através do caso brasileiro, este processo de convergências e divergências do anarquismo com correntes como o espiritismo e a teosofia nas primeiras décadas do século XX. Ver: LAURIS JUNIOR, Renato Luiz. *José Otíctica: reflexões e vivências de um anarquista*. Dissertação – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009.

22 LACHAPELLE, Sofie. *Investigating the Supernatural: From Spiritism and Occultism to Psychical Research and Metapsychics in France*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011, p. 56.

rodoxos e esotéricos”²³. A partir de uma orientação mística, eles “esperavam descobrir as revelações perdidas e o conhecimento dos tempos antigos e torná-los relevantes para o mundo moderno. Eles clamavam que a fusão das ciências contemporâneas com as revelações sagradas e antigas poderia levar a uma nova, “completa ciência”²⁴. De maneira geral, estes ocultistas convergiam no esforço de criação de um novo conceito de ciência que deveria incorporar e dar destaque ao “conhecimento antigo e aos métodos de pesquisa esotéricos”²⁵. Eles acreditavam que a autoridade estava localizada principalmente na revelação sagrada e depois nos métodos experimentais e observacionais. Assim, preferiam enfatizar as sensações e os instintos no lugar da racionalização, desaprovando a abordagem hegemônica sobre a natureza, vigente no período. É neste contexto que Savigny, desenvolve a sua teorização, procurando unir Ciência e Tradição, reunindo elementos da tradição religiosa como o budismo e o hinduísmo, elementos da tradição ocultista como o hermetismo, complementando-os com livres interpretações das teorias evolucionistas e físicas do período.

O hexagrama hermético, aquele que “representa as condições de equilíbrio no universo”²⁶, sintetizava, para Poinsot, a teoria de Michel Savigny,

O Hexagrama tem seis pontos, dos quais, um em Capricórnio, e o outro na sua frente, em Câncer, cada um governa um triângulo, e cada triângulo governa uma era geológica, o conjunto deles constituindo as seis eras que a Bíblia chama de seis dias da Criação e da qual a seguinte é a lista à luz da nova doutrina: - 1. Câncer ou Caranguejo. O reino dos crustáceos e moluscos 2. Peixes. O reinado dos peixes. 3. Escorpião. O reinado dos Répteis (originalmente, provavelmente, era uma víbora). 4. Capricórnio. O reinado dos pequenos mamíferos e aves. 5. Virgem. O reinado da placenta-mamífera e mamíferos superiores. 6. Touro. O Reino Humano (a parte que o Touro, o símbolo do homem, desempenha na Tradição é bem conhecida) ²⁷.

23 LACHAPELLE, Sofie. Ibid, p. 12.

24 LACHAPELLE, Sofie. Ibid, p. 12.

25 LACHAPELLE, Sofie. Ibid, p. 45.

26 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 29.

27 POINSOT, Maffeo. Encyclopaedia of Occult Science, v. VII, Noginski: Osteon Press, 2015, p. 486.

Estas eras não teriam sido eras sucessivas ou contínuas, mas sim, marcadas pela revolução, pela superimposição de uma classe animal superior às outras pelo desejo de ascensão. Esta visão é baseada em uma complexa teoria “fundada como está no estudo analógico das forças elétricas e vitais, baseado em uma primeira força primitiva chamada *od*”²⁸. O *od* é a força primária, o princípio primordial, e expressa-se em suas metamorfoses, do *od* impuro, ou força elétrica e o *od* refinado, ou força vital. O *od* impuro teria uma divisão análoga de forças elétricas em quatro classes de átomos materiais: carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto. Ao se agruparem de diferentes formas, estes átomos constituiriam todos os “corpos materiais conhecidos”²⁹. O *od* refinado se traduziria nos átomos psíquicos que seriam de quatro variedades: átomos de sensibilidade, átomos de memória, átomos de razão, átomos de inteligência. O agrupamento destes quatro tipos de átomos psíquicos em diferentes proporções constituiria “todos os centros de força animal, todas as “almas” dos animais e dos homens”³⁰. Para Savigny, o agrupamento físico é provisório, efêmero, enquanto o agrupamento psíquico é indestrutível, imortal. Como o ser psíquico é imortal, ele tende a se aperfeiçoar através de suas reencarnações, acumulando novos átomos psíquicos através dos tempos. Somente quando, após uma sucessão de cataclismas a natureza se coadunasse com o ser psíquico, é que ocorreria a realização plena do ser. Para este autor, as tempestades elétricas e magnéticas nos períodos de cataclisma exerceriam notável influência sobre os seres, tornariam “os corpos fisiológicos mais maleáveis aos desejos do ser psíquico”³¹. Este fenômeno explicava a sucessão das eras, conforme caracterizado na explicação do hexagrama, sendo a base da teoria evolutiva de Savigny.

Em sua teoria, Savigny adota princípios do catastrofismo, ou seja, a visão elaborada originalmente por Cuvier, e fortalecida pelas pesquisas geológicas posteriores, e, parcialmente, pela tendência conservadora de manutenção de uma visão teológica da criação, de que as catástrofes que atingiram a terra periodicamente foram “necessárias para a criação de formas de vida adaptadas as condições em mudança, e que estas mudanças foram marcadas pela descontinuidade e não por uma modificação gradual”³². Por mais que as visões geológicas posteriores não partilhassem desta visão teológica, as pesquisas indicavam que o gradualismo na evolução não era um absoluto,

28 POINSOT, Maffeo. *Ibid*, p. 486.

29 SIMON-SAVIGNY, *op. cit.*, p. 46.

30 SIMON-SAVIGNY, *Ibid*, p. 46.

31 SIMON-SAVIGNY, *Ibid*, p. 85.

32 BOWLER, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley: University of California Press, 2003, p. 120.

com os movimentos da terra e o vulcanismo podendo conduzir a drásticas mudanças, como a extinção de espécies e uma rápida evolução. No caso de Savigny, são enfatizadas as catástrofes provocadas por causas astronômicas, que trariam grandes transformações climáticas e tempestades elétricas e magnéticas significativas. Para que as grandes modificações fisiológicas sejam possíveis, ele enfatiza que a “Terra deve estar em condições extraordinárias”³³. Portanto, para ele, “todas as faunas superiores apareceram na terra graças a um cataclisma ígneo ou glacial”³⁴. Os grandes cataclismas que ocorreriam aproximadamente a cada 25.900 anos, e seus efeitos climáticos e sísmicos, seriam causados alternadamente pela “aproximação de uma esfera flamejante como o sol ou de uma esfera fria como a lua”³⁵. Esta visão foi fortalecida por sua adesão à teoria de uma evolução por saltos, como a apregoada por Geoffrey Saint-Hilaire, que argumentava que a pressão ambiental poderia levar a dramáticas transformações, conduzindo a saltos repentinos na evolução, inclusive, à criação instantânea de novas espécies. Lembremos que no início do século XX, Hugo de Vries, fortaleceu a teoria da evolução por saltos, ao propor a sua teoria da mutação, na qual as espécies ao “invés de serem formadas pela seleção natural de variação contínua, as variedades poderiam ser criadas instantaneamente por saltos”³⁶. Segundo Vries, as mutações positivas, que produziam novos caracteres e todas as espécies, passaram por processos velozes de mutações rápidas que espriavam novas variedades desta maneira.

Por outro lado, Savigny também adotou uma espécie de neolamarckismo místico ao enfatizar que os organismos poderiam ser agentes ativos, agentes criativos da sua própria transformação e de sua espécie³⁷, acrescentando, na tradição da magia natural, que o desejo seria fundamental neste processo. Poinot explica sinteticamente esta visão:

Savigny, portanto, assume que não é a função, mas o desejo que cria o órgão. Assim, os peixes parecem nascer do desejo dos crustáceos de se livrar de sua casca dura e de viver a vida livre do oceano, os répteis nasceram do desejo de deixar a água e conquistar a terra (a que eles se adaptaram à medida que os peixes se adaptavam à água), etc. O Ser sente cada vez mais a inferioridade do corpo que habita, e deseja uma constituição superior, mais nobre, mais livre.³⁸

33 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 84.

34 SIMON-SAVIGNY, *Ibid*, p. 90.

35 SIMON-SAVIGNY, *Ibid*, p. 85.

36 BOWLER, op. cit., p. 269.

37 BOWLER, *Ibid*, p. 238.

38 POINSOT, op. cit., p. 486-487.

Para Savigny, portanto, a compreensão da evolução em suas diferentes fases, só poderia ocorrer se percebermos que “longe de ser um fenômeno fisiológico determinado por circunstâncias externas, a transformação de uma espécie é, pelo contrário, um fenômeno de ordem essencialmente psíquica³⁹”. Ao considerar que os seres procuram, através de suas reencarnações sucessivas, romper com a prisão opaca do corpo, opondo-se a que “o nosso centro psíquico” entre em contato com as forças psíquicas externas, magnéticas ou elétricas”, ele hibridiza sua teoria da evolução com o princípio da transmigração das almas. Logo, para o autor, os seres procuram ter um “corpo menos material, menos denso e com menos necessidades prementes⁴⁰”, tornando-se um ser psíquico para a futura era psíquica.

Em sua novela distópica, Han Ryner, que era amigo dos filhos de Savigny, Edmond e Georges, imagina o processo evolutivo terreno após o cataclisma provocado pelo aparecimento de um segundo sol, a “estrela de fogo”. A remodelação plástica da matéria-espiritual provocada pelo caos evolucionário que se seguiu ao aparecimento deste novo sol, pela influência das extraordinárias tempestades elétricas e magnéticas, foi acompanhada pela possibilidade, por parte de alguns humanos, de redefinir seu próprio ser, corporal e espiritualmente, através da força psíquica do desejo.

Uma Distopia entre Superanjos, Imortais e Superelefantes

No romance, portanto, podemos dizer que a lei da evolução é explicada, entre outros fatores, pelo desejo de ascensão dos seres. Desta forma, Han Ryner inscreve seu romance de maneira original na tendência predominante indicada por Claves⁴¹ de distopias que problematizavam, a partir do final do século XIX, questões referentes ao evolucionismo, como os discursos darwinistas sociais e eugenistas.

Estes seres eram exatamente os hexagramistas, que alertados previamente pelas profecias de Savigny, de que “finalmente, o oceano ferve, erguendo-se em névoas, e essas névoas, envolvendo a Terra, anunciam aos humanos sobreviventes do cataclisma espantoso que a planície pode renascer onde o deserto

39 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 86.

40 SIMON-SAVIGNY, *Ibid*, p. 93.

41 CLAYES, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: SESC, 2013.

foi feito⁴², estavam conscientes da possibilidade de remodelação e ascensão dos seus seres.

Se na teoria de Savigny, os seres poderiam através do desejo remodelarem-se gradualmente, em sucessivas reencarnações, visando tornar-se seres diáfanos, querubins, na novela de Han Ryner, há uma abertura para a problematização ética do desejo humano e de sua conformação em outras possibilidades de ser. Potencialidade, inclusive, já indicada pelos irmãos Savigny, que alertavam que a teoria do seu pai seria ainda mais fecunda se “das leis que governam a evolução”, por ele apresentadas, emergisse uma “moral natural”⁴³, aquela baseada no amor e no altruísmo, que conduziria à era da fraternidade.

Assim, na reunião já citada, há um debate sobre qual seria o desejo a definir a forma de ser privilegiada no futuro. O primeiro grupo é aquele que pretende tornar a profecia de Savigny literal, ao desejar transmutar-se em querubins, criando as asas dadas pelo amor: “o amor é o escultor harmonioso que molda toda a matéria na forma do bem, mas o martelo do ódio destrói todas as estátuas; faz uma poeira irritante ridícula dos mármore mais bonitos. Amor, vamos escolher o amor”⁴⁴. O segundo grupo é aquele que tem por lema “vamos colocar um fim para a morte”⁴⁵, demandando o desejo da eternidade e de imortalidade. O terceiro grupo é aquele que aspira maior inteligência e poder, cujo lema é “vamos desenvolver cérebros mais poderosos. Cefalizar nosso ser!”⁴⁶. Em comum, o desejo de remodelação dos corpos para adquirir maior vigor e comando, com pouca reflexão sobre as capacidades de criação e destruição a eles inerentes.

Ryner, experimentando com a teoria de Savigny, descreve o ocorrido no período cataclísmico onde ocorreram mutações do ser, algumas operadas conscientemente pelos hexagramistas, que teriam explorado “curiosamente, o domínio de todas as espécies; para visitá-los, inventaram novas regiões; tentaram mil formas hesitantes que se ofereciam, transformavam-nas, criando assim outras, e depois rejeitavam aqueles envelopes imperfeitos”⁴⁷, graças à “intermediação de elementos mais refinados – eletromagneticamente equivalentes, se desejarem, ou se preferirem, fluidos espiritualmente materiais”⁴⁸.

42 RYNER, op. cit., p. 188.

43 SIMON-SAVIGNY, op. cit., p. 98.

44 RYNER, op. cit., p. 198.

45 RYNER, Ibid, p. 193.

46 RYNER, Ibid, p. 193.

47 RYNER, Ibid, p. 202.

48 RYNER, Ibid, p. 201.

Deste modo, após alguns milênios e explorações multiformes do ser, ocasionadas por diversas reencarnações e metamorfoses, constituiu-se, a partir do iniciado grupo hexagramista, a casta dos super-humanos, dividida em três categorias: aqueles que desejavam as asas do amor e da espiritualidade transmutaram-se nos diáfanos Superanjos; aqueles que desejavam transcender a morte transformaram-se nos encouraçados Imortais; e aqueles que ansiavam pelo poder e inteligência viraram os magnificados Superelafantes. Han Ryner, escreveu uma carta para a brasileira Maria Lacerda de Moura, a sua principal divulgadora no Brasil, transcrita na obra *Amor Plural*, na qual procurou explicar a lógica do seu romance e desses personagens, “A avidez nietzscheniana de dominar criou os Dominadores ou Superelafantes; a tímida avareza, cujo medo de morrer não é senão uma forma, criou os Imortais; mas, o Amor criou os Superanjos”⁴⁹.

Han Ryner nos apresenta uma distopia, um mundo governado pelos Superelafantes ou “dominadores”, adorados como deuses e contando com uma casta de sacerdotes para dirigir seu culto. Estes cultos envolvem desde o sacrifício de crianças, entregues pelos seus adoradores e devoradas “pelos deuses” após devidamente assadas pelos sacerdotes em fornos móveis, até ritos amorosos com sacerdotisas habilidosas que “já haviam excitado e acalmado sua força rígida, e depois a ressuscitado com as mais carinhosas e sensíveis fantasias, por horas a fio”⁵⁰.

Os deuses do oriente, ou Eor, eram 102, 90 deuses e 12 deusas, e os deuses do ocidente ou, Oor eram 45. Os deuses do ocidente viviam em palácios de mármore, em uma cidade de 102 milhões de habitantes com 102 bairros de 1 milhão de habitantes cada. A população de cada bairro era mantida neste número pela atuação dos sacerdotes, que se encarregavam de enviar para as províncias os doentes e incapacitados, as grávidas, os maiores de 40 anos. Em troca, as províncias, além das crianças destinadas às mesas ou serviços dos deuses, tinham de enviar jovens homens entre 18 e 20 anos, e belas mulheres entre 15 e 18 anos. No centro de cada bairro havia um monte natural ou artificial, cercado por um parque chamado paraíso, e no seu topo um monumento chamado *heaven*, que compreendia um templo, um vestíbulo e um palácio. Neste espaço dois mil sacerdotes e duas mil sacerdotisas serviam e adoravam ao seu deus específico.

49 RYNER, Han apud MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner e o Amor Plural. São Paulo: Editora Unitas, 1933, p. 254.

50 RYNER, Han. op. cit., p. 226.

Os Imortais se autodefiniam como aqueles que se “tornaram pequenos para deixar pouco espaço a morte, e nos tornamos duros, tão duros quanto o ferro, e nos tornamos lentos, quando nos dignamos a nos mover”⁵¹. Procurando a imortalidade, eles seguiram uma preocupação primordial do ser ao encarnar, que “era cercar-se de uma couraça de átomos naturais” para se proteger. Segundo Savigny, “o ser procurou esconder-se nas profundezas da matéria”⁵². Contudo, contraditoriamente, após séculos de isolamento, os seus corpos encoraçados viraram uma prisão, sendo facilmente submetidos pela violência e força dos Superelefantes, que objetivavam a maior concretização do seu poder “divino”.

O terceiro grupo, os Superanjos, ou os Amours, eram em número de 40, sendo seres alados e andrógenos que são descritos como de “proporções inesperadas, mais nobres do que proporções humanas, mais pensativas do que a beleza viril, mais tocantes que a graça feminina”⁵³. Eles voam e dançam no ar exalando perfumes e sons inebriantes, cantando odes ao amor. Eles apresentam efeitos desalienantes sobre os seres humanos, que, por sua vez, são apresentados como seres escravizados pelos Superelefantes, pois

não havia nada particularmente notável sobre os humanos dessa época. Eles foram, como em outros séculos, covardes e gananciosos: covardes o suficiente para matar ou morrer pelas ordens de um mestre; covardemente o suficiente para sacrificar, sob ordens de um mestre, os tesouros miseráveis de seus corações enlouquecidos, os falsos bens pelos quais eles sacrificavam rotineiramente suas vidas e as dos outros⁵⁴.

O romance apresenta o processo de busca de acréscimo de poder e superação dos limites pelos Superelefantes. Após dominarem os imortais, os Superelefantes do oriente entram em guerra com seus equivalentes do ocidente. O objetivo é a correção de uma “assimetria”. Os 102 “deuses” do oriente possuíam uma menor extensão territorial e um menor número de humanos sobre o seu controle do que os 45 Superelefantes do ocidente. A guerra se fez tendo como dano colateral um alto grau de mortandade humana, sendo resolvida, por fim, a favor do ocidente, após um conflito direto entre os “deuses” no campo de batalha.

51 RYNER, *Ibid*, p. 213.

52 SIMON-SAVIGNY, *op. cit.*, p. 87.

53 RYNER, *Han. op. cit.*, p. 206.

54 RYNER, *Ibid*, p. 216.

Esta batalha entre os Superelefantes é seguida pela tentativa dos dominadores vencedores em aprisionar ou cooptar os Superanjos. Após algumas tentativas, conseguem aprisionar os Amours, entretanto, tiveram que soltá-los por não conseguirem lidar com seus tristes cantos de amor e sua exasperante resistência passiva e pacífica. O romance termina com os dois Superelefantes principais conversando sobre seus sonhos de dominação e ampliação das capacidades do seu ser para infinitas formas e poderes.

Os Superelefantes de Ryner: uma crítica aos autoritarismos e ao egoísmo nietzschiano

Os Superelefantes são descritos como:

vastos que nossos elefantes asiáticos, eles quase igualam a estatura dos antigos mamutes – mas eles tinham duas trombas. A da esquerda permanecia a mais hábil e forte dos órgãos preênsis. A da direita, se alguém fosse descrever, tinha algo humano nela; sua extremidade abrindo como nossas bocas, permitia um vislumbre dos dentes, uma língua e uma espécie de garganta⁵⁵.

Isso permitia que esses seres tivessem uma linguagem articulada, “quase harmoniosa”⁵⁶. O corpo dos “dominadores” também é descrito como “dos mesmos ombros dos quais desceriam as duas pensas anteriores, brotam dois braços e mãos”⁵⁷, similares em formas aos humanos.

Esta descrição é acompanhada por uma crítica perspicaz de Ryner à figura do super-homem, especialmente o nietzschiano, como fruto de uma vontade de poder egoísta e sem limites, na lógica de exaltação do senhor contra o escravo. Esta crítica é reiterada, pois em outros momentos de sua obra, como no diálogo imaginário entre o judeu Ahasherus e Nietzsche, colocou nos lábios do filósofo a afirmação,

Fiz-te ver a necessidade de uma nova ordem e de uma nova escravidão. Para todo reforço, para cada elevação do tipo Ho-

55 RYNER, Ibid, p. 217.

56 RYNER, Ibid, p. 217.

57 RYNER, Ibid, p. 217.

mem, é necessária, meu filho, uma nova espécie de servidão (...) será necessário pôr entre os homens cada vez mais guerra e desigualdade⁵⁸.

Para o Nietzsche deste diálogo, “o homem é algo que deve superar-se. Que ele seja a flecha do desejo a ser arremessada para a outra margem”⁵⁹. Esta afirmação é rebatida com uma diferente compreensão de super-homem por Ahashevus, “todos os super-homens serão grandes e iguais, e não restarão mais homens que queiram servir como escravos”⁶⁰. Nietzsche, transtornado com essa sugestão de igualdade entre os seres humanos, reage violentamente com um tom marcado pelo antissemitismo: “Judeu hediondo, miserável pregador da igualdade, afasta-te do teu caminho! Desprezo aquele que reclama igualdade e justiça”. Ahashevus rebate, afirmando, “Jamais houve ruína igual ao teu pensamento”⁶¹. Seguindo esta crítica à visão do Super-homem, no romance de Ryner, o desejo de domínio nietzschiano é tratado de forma irônica, pois os Superelefantes, que inclusive se autodenominam de deuses ou dominadores, estão voltados à satisfação dionisíaca e predatória de seus imensos apetites sexuais e de poder.

A novela, publicada em 1929, também procura, em um contexto de ascensão do fascismo⁶², criticar uma aristocrática e autoritária defesa na literatura, da configuração do super-homem por intelectuais protofascistas e fascistas, baseada em uma interpretação peculiar do evolucionismo. Gabrielle D’Annunzio⁶³, por exemplo, de maneira reducionista, em romances como *Terra Vergini* e *Le Vergini dele roce*, considerou a hereditariedade como transmissão dos genes superiores, sendo a seleção natural vista a partir de uma compreensão

58 Id, 1966, p. 91-92.

59 RYNER, op. cit. , p. 86.

60 RYNER, Ibid, p. 91.

61 RYNER, Ibid, p. 93.

62 É importante ressaltar a crítica de Han Ryner ao fascismo, presente, por exemplo, em seu prefácio à obra de BORGHI, Armando. Mussolini en chemise. Paris: Les Editions Rieder, 1932. Han Ryner também expressou seu antifascismo, entre outras ações, na adesão, conforme Louis Simon, ao Comitê Mundial contra a Guerra e o Fascismo em 1936, ver: SIMON, Louis. Un individualiste dans le social: Han Ryner. Paris: Groupe Maurice-Joyeux, 2003, p. 24.

63 Gabrielle d’Annunzio (1863-1938), foi um romancista, dramaturgo e poeta italiano. Entre outras obras escreveu os romances *Le Vergini dele Roce* (1895) e *Il Fuoco*(1900), as tragédias *La Gioconda*(1899) e *Fedra*(1909) e o poema *Canto Novo*(1882). Envolveu-se em uma experiência protofascista ao liderar a invasão da cidade de Fiume, em 1919, com um exército nacionalista voluntário, e proclamar-se como Duce. A experiência terminou no final de 1920, com o bombardeio da cidade pela marinha italiana e a consequente rendição de d’Annunzio e seu exército.

classista e fortemente racista, como a afirmação da inexorável superioridade das elites aristocráticas sobre as classes populares condenadas à servidão. Também nos interessa a celebração por D'Annunzio da unidade homem-animal como característica do super-homem, aquele que não coloca limites a seu instinto de dominação, de brutalidade, de sensualidade⁶⁴ (Merlino, 2016). Desta maneira, os Superelefantes poderiam simbolizar criticamente no romance de Ryner, a desmedida ambição e riqueza das elites autoritárias e a exaltação do seu poder encarnado no usufruto, encarado como exclusivo e inerente, da violência e da luxúria animal.

Stableford comenta que a utilização por Ryner, dos Superelefantes como imagem da espécie dominante deste novo tempo, pode remeter à conclusão do romance *Le Voyage*(1901) de J. H. Rosny⁶⁵ na qual, ao descrever uma relação quase simbiótica entre seres humanos e seus protetores elefantes em um enclave africano, comentou que se os elefantes tivessem duas trombas eles seriam a espécie dominante na terra⁶⁶. Uma outra aproximação simbólica possível, empreendida por Ryner, é com a figura de Ganesha, um dos principais deuses do hinduísmo, e que é considerado o mestre do intelecto, da sabedoria e chefe dos exércitos celestiais, e que representa, simbolicamente, a encarnação de todo o cosmos. Corin Braga⁶⁷, argumenta que esta encarnação dos super-homens nietzschianos em paquidermes com características intensificadas expressa uma ironia contumaz de Ryner. Para ele, este aspecto “implica uma inversão da hierarquia biológica na terra”, uma distopia liderada por animais, “na qual o homem é possuído pela besta interior”⁶⁸. Poderíamos pensar com Célia Magalhães que a utilização destes monstros no romance faz parte de uma “estratégia discursiva que leva a articular as diferenças radicais entre os modos de ser radicalmente contrários,

64 MERLINO, Alessandro. *L'evoluzionismo nella letteratura italiana*. Tricase: Edição do Autor, 2016. Observe-se que já em 1904, Ryner criticou veementemente este aspecto da obra de d'Annunzio, “uma febre de sucesso, de prazer e dominação tão ardente quanto aquela de d'Annunzio não é sem delírio de crueldade(...)d'Annunzio, lírico espumando com todas as insanidades afrodisíacas e destrutivas, é uma das grandes vergonhas do nosso tempo” ver: RYNER, Han. *Prostitués:Études Critiques*.Paris: Société Parisienne d'Édition, 1904, p. 209-216.

65 J. H. Rosny aîné(1856-1940) foi um escritor francês de ficção científica que publicou, individualmente, mais de 106 obras, além de 47 em parceria com seu irmão J.-H. Rosny jeune . O seu romance *La Guerre de feu* (1909) foi filmado em 1982 por Jean-Jacques Annaud.

66 STABLEFORD, op. cit., p. 217.

67 BRAGA, Corin. Réversion des espèces et réduction à l'absurde: paraboles antiutopiques animalières. *Caietele Echinox*, vol. 31, 2016, pp. 287-300.

68 BRAGA, Corin. Réversion des espèces et réduction à l'absurde, op. cit., p. 287.

tornando possível renomear, transformar e apropriar, num movimento que vai da identificação à alienação total”⁶⁹.

Evolução e Ética: os Superanjos

Na mesma carta, já citada de Han Ryner para Maria Lacerda de Moura, ele comentou “Amará, creio, os diversos cânticos dos Superanjos, nos quais procurarei exprimir, com graça, o essencial de minha filosofia”⁷⁰.

Ryner, sintetiza nos Superanjos a sua visão da necessidade de união entre evolução e ética. Os cânticos dos Amours expressam os princípios básicos de sua visão anarquista individualista. O primeiro deles era o desejo da harmonia através do amor. Foi o amor que deu asas aos anjos e que proporcionou a vitória sobre o ódio, a inveja e o ciúme. Assim, essencialmente, eles louvam o amor, “Não há força benevolente exceto a do amor e seu calor. O amor é, simultaneamente, o único sol que pode trazer o florescer e a única flor que pode florescer”⁷¹.

Para chegar ao amor, os Superanjos cantam que foram necessárias renúncia e sabedoria. A renúncia, primeiramente, dentro da tradição anticlerical libertária, aos falsos deuses e à submissão religiosa, “A renúncia de bens falsos, a rejeição de fardos pesados e espinhosos - ó liberdade!”. Para os Superanjos, “o único Deus é chamado Amor”⁷². Também defendem a renúncia aos excessivos desejos materiais, à alienação trazida pelo consumismo, “As coisas não têm nada de amável. As coisas não têm coração e meu amor não pode ser por elas. As coisas só têm valor como suporte para os seres vivos”⁷³.

A renúncia ao consumismo e à religião deve ser acompanhada pela sabedoria, especialmente pela sobriedade de não ter nada além do necessário. No caso dos Superanjos, eles concretizam esses desígnios ao voarem desnudos e livres e alimentarem-se frugalmente: “Uma fruta satisfaz nossa fome mais extrema. Normalmente, basta uma flor, ou uma folha perfumada”⁷⁴. Ryner aproveita esse momento do cântico dos Superanjos para fazer a defesa do

69 MAGALHÃES, Célia. Os monstros e a questão racial na narrativa modernista brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 26.

70 RYNER, Han apud MOURA, Maria Lacerda de. Han Ryner e o Amor Plural, op. cit., p. 254.

71 RYNER, op. cit. , p. 268.

72 RYNER, Ibid, p. 267.

73 RYNER, Ibid, p. 208.

74 RYNER, Ibid, p. 209.

vegetarianismo, pois a sobriedade os isenta de necessidades como aquelas que sobrecarregam os “comedores fedorentos de carne”⁷⁵.

Os Superanjos também manifestam um ideário anarquista quanto ao poder. Eles declaram, quando intimados a prestarem homenagens e adorarem aos Superelfantes, “o poder de um ser vivo sobre seres vivos sempre leva à maldade e opressão”⁷⁶ e exaltam a liberdade, “nossos ritmos, cores e música apenas distribuem suas virtudes na liberdade dos corações”⁷⁷. Quando temporariamente aprisionados pelos Superelfantes, eles resistem, pois cantando a “selvagem liberdade do amor, você recusa tudo que é limite ou uma pausa. Promessas e juramentos, venenos mais sutis, servidões mais covardes”⁷⁸.

Os Superanjos também professam, a exemplo de Ryner, convicções pacifistas, “o desprezo por todas as armas e toda a violência é o começo da sabedoria e o limiar do amor”⁷⁹. Desta forma, o antimilitarismo também é expresso, “qualquer exército é o inimigo do verdadeiro Deus”, o amor. O cântico dos anjos é um canto de defesa da não violência, “nenhuma violência pode proteger o amor e a vida. Toda violência fere o amor e a vida”⁸⁰.

Conclusão

Han Ryner se apropria da teoria hexagramista de Savigny em diferentes sentidos e sinais. Por um lado, mantém os traços fundamentais da peculiar teoria evolucionista de Savigny, que hibridiza o catastrofismo com a teoria dos saltos, neolamarckismo e ocultismo. Ryner, poeticamente, como vimos, adota os princípios gerais desta teoria em seu texto. Ele, como anarquista individualista, simpatizava com as visões neolamarckistas que relativizavam e combatiam o papel determinístico estabelecido pelo darwinismo social acerca da seleção natural, especialmente a luta pela sobrevivência, e a sobrevivência dos mais aptos, abrindo espaço para a importância, radical na sua novela, como entrevisto no processo de auto constituição dos super-humanos, da ação do indivíduo para a alteração do seu destino. Contudo, a apropriação da teoria de Savigny no romance serve, principalmente, a uma reflexão ética sobre a evolução humana e a responsabilidade última dos seres na construção de si próprios nas sociedades monstruosamente desiguais.

75 RYNER, *Ibid*, p. 210.

76 RYNER, *Ibid*, p. 256.

77 RYNER, *Ibid*, p. 257.

78 RYNER, *Ibid*, p. 273.

79 RYNER, *Ibid*, p. 267.

80 RYNER, *Ibid*, p. 268.

A novela também é marcada por um forte viés anticlerical e por críticas, características do pensamento libertário, ao autoritarismo, às estruturas injustas capitalistas e seus processos de alienação humana, as quais normalmente são expressas pelos Superanjos e sua convicção no papel do amor, na defesa da harmonia, na atitude pacifista, na apologia da simplicidade e de resistência não-violenta ao poder.

Referências

- BOWLER, Peter J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BRAGA, Corin. Réversion des espèces et réduction à l'absurde: paraboles antiutopiques animalières. *Caietele Echinoc*, vol. 31, 2016, pp. 287-300.
- CLAYES, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: SESC, 2013.
- FRIGERIO, Vittorio. *La Littérature de l'anarchisme: Anarchistes de lettres et lettrés face à l'anarchisme*. Nouvelle édition [en ligne]. Grenoble: UGA Éditions, 2014.
- LACHAPELLE, Sofie. *Investigating the Supernatural: From Spiritism and Occultism to Psychical Research and Metapsychics in France*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.
- LAGALISSE, Erica. *Occult Features of Anarchism*. Oakland, CA.: PM Press, 2019.
- LAURIS JUNIOR, Renato Luiz. *José Oiticica: reflexões e vivências de um anarquista*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009.
- MAGALHÃES, Célia. *Os monstros e a questão racial na narrativa modernista brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MERLINO, Alessandro. *L'evoluzionismo nella letteratura italiana*. Tricase: Edição do Autor, 2016.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Han Ryner e o Amor Plural*. São Paulo: Editora Unitas, 1933.
- PERES, Fernando. *A. João Penteadó: O discreto transgressor de limites*. São Paulo: Alameda, 2012.
- POINSOT, Maffeo. *Encyclopaedia of Occult Science*, v. VII, Noginski: Osteon Press, 2015.
- RYNER, Han. *Manual Filosófico do Individualista*. Rio de Janeiro: Germinal, 1966.
- RYNER, Han. *Prostitués: Études Critiques*. Paris: Société Parisienne d'Édition, 1904.
- RYNER, Han. *The Superhumans*. Tarzana, CA: Black Coat Press: 2011.
- SARGENT, Lyman Tower. What is a utopia? *Morus*, n. 2, p. 153-160, 2005.

- SARGENT, Lyman Tower. Utopianism: A Very Short Introduction. New York: Oxford University Press, 2010.
- SIMON, Louis. Un individualiste dans le social: Han Ryner. Paris: Groupe Maurice-Joyeux, 2003.
- SIMON-SAVIGNY, Edmond & Georges(ed). Vivre... Mourir... Renaitre: Résumé des theories hexagrammistes. Paris: Editions Chacornac Frères, 1942.
- SOON, Richard D. Sex, Violence, and the Avant-garde: Anarchism in Interwar France. University Park: The Pennsylvania State University, 2010.
- WILSON, Jessica. & LAW, Stephen. Um breve guia sobre aquecimento global. Ministério das Relações Exteriores e Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília, 2010.

Recebido em 26 de novembro de 2021
Aprovado em 23 de julho de 2023

GILSON LEANDRO QUELUZ